

ESTUDO-CRISTALIZAÇÃO DAS EPÍSTOLAS DE JOÃO

A Prática da Justiça Divina (Mensagem 9)

Leitura Bíblica: 1Jo 2:28—3:10a

- I. A comunhão da vida divina e o ensinamento da unção divina devem ter um resultado: a expressão do Deus justo (1Jo 2:29; 3:7).
- II. A palavra *justo* em 2:29 refere-se ao Deus justo em 1:9 e a Jesus Cristo, o Justo, em 2:1:
 - A. A justiça de Deus é aquilo que Deus é em Suas ações relativas à justiça e retidão (Rm 1:17; 3:21-22; 10:3):
 1. Justiça está relacionada às ações e atividades de Deus (Ap 16:7; 19:2).
 2. Deus é justo em Seus caminhos — Seus princípios governantes pelos quais Ele faz as coisas; justiça é a natureza dos atos de Deus (15:3; Sl 103:7).
 3. Deus é justo no sangue de Jesus Seu Filho, que cumpriu as exigências justas de Deus para que Ele pudesse perdoar nossos pecados (1Jo 1:9).
 - B. Em ascensão, Jesus Cristo é o Justo (2:1):
 1. Como Aquele que ascendeu aos céus, Cristo está trabalhando e ministrando com justiça.
 2. Como nosso Representante ou Advogado no tribunal celestial, Cristo é o Justo (v. 1).
- III. Há dois aspectos de Cristo ser justiça de Deus para os crentes (1Co 1:30; Mt 5:20):
 - A. O primeiro aspecto é que Cristo é a justiça dos crentes, para que eles sejam justificados objetivamente diante de Deus no momento em que se arrependem para Deus e crêem em Cristo (Rm 3:24-26; At 13:39; Gl 3:24b, 27).
 - B. O segundo aspecto é que Cristo é a justiça dos crentes vivida por eles como a manifestação de Deus, que é a justiça em Cristo dada

aos crentes para que eles sejam justificados subjetivamente por Deus (Rm 4:25; 1Pe 2:24a; Tg 2:24; Mt 5:20; Ap 19:8).

- IV. Praticar a justiça divina é fazer justiça habitualmente, continuamente e involuntariamente, como um modo de vida em nosso viver diário (1Jo 2:29; 3:7):
 - A. Com o nascimento divino como base e a vida divina como meio, podemos viver uma vida que pratica a justiça divina (2:25, 29; 3:9).
 - B. A prática da justiça divina é um viver espontâneo que resulta da vida divina que está em nós, com a qual fomos gerados pelo Deus justo (1:1-2; 2:29; 5:1).
 - C. A prática da justiça divina é uma expressão viva de Deus, que é justo em todos os Seus feitos e atos (Ap 15:3).
 - D. A prática da justiça divina não é meramente comportamento exterior, mas a manifestação da vida interior; não é meramente um ato proposital, mas o fluir da vida do interior da natureza divina, da qual participamos (2Pe 1:4; Ap 22:1-2):
 1. Temos uma natureza justa em nós, uma natureza que é do nosso novo homem (Ef 4:24; Cl 3:10).
 2. Quando obedecemos a unção interior, o mover do Deus Triúno em nós, nós vivemos habitualmente segundo essa natureza justa (1Jo 2:27).
 - E. Como resultado de sermos saturados com o Deus Triúno, nos tornamos Sua expressão; em especial, porque Deus é justo, quando O expressamos, expressamos Sua justiça (3:7).
 - F. Porque permanecemos no Deus justo e Ele está nos saturando com o que Ele é, expressamos Sua justiça vivendo uma vida justa habitualmente e involuntariamente (2:29).
 - G. Praticar a justiça divina — viver uma vida justa que é a expressão do Deus justo — é purificar a nós mesmos (3:3):
 1. *Justo* no versículo 7 é igual a *puro* no versículo 3.
 2. Ser justo é ser puro, sem mancha alguma de pecado, de iniquidade e de injustiça, assim como Cristo.
 - H. Praticar pecado (iniquidade) é viver uma vida que não está sob o princípio governante de Deus sobre o homem; praticar a justiça é viver de maneira justa sob o princípio do governo de Deus (vv. 4, 7).

- V. Praticar a justiça divina é expressar e manifestar a justiça de Deus de maneira plena e completa (Mt 5:20; Rm 8:4; 2Co 3:9; 5:21; Fp 3:9; Sl 89:14; Ap 19:7-8; 2Pe 3:13):
- A. Praticar a justiça divina é viver uma vida correta para com Deus, pessoas, coisas e assuntos, diante de Deus segundo a Sua justiça e rígidas exigências (Mt 5:20).
 - B. Praticar a justiça divina é manifestar em nossa vida a justiça subjetiva de Deus, que na verdade é o próprio Deus em Cristo manifestado por nós para se tornar um viver diário que é justo para com Deus e o homem (Fp 3:9).
 - C. Praticar a justiça divina é viver Cristo; se vivermos Cristo, seremos as pessoas mais justas, pois o Cristo que vive em nós nos fará justos em tudo e com todos (1:20-21a).
 - D. Praticar a justiça divina é ter a justiça que é a expressão exterior do Cristo que vive em nós como o Espírito vivificante; à medida que Cristo vive em nós como o Espírito vivificante e nós O manifestamos, nosso viver expressará a justiça divina (1Co 15:45b; 6:17; 2Co 3:6, 9, 17-18).
 - E. Praticar a justiça divina é expressar a imagem de Deus; o Espírito é a essência de Deus vivendo, movendo-se e agindo em nós, e justiça é a essência de Deus manifestada exteriormente como imagem de Deus (Ef 4:24; Cl 3:10).
 - F. Praticar a justiça divina é ser reto para com Deus em nosso ser; isso é ter um ser interior que é transparente e cristalino, que está na mente e vontade de Deus e que é a justiça de Deus (2Co 5:21).
 - G. Praticar a justiça divina é viver na realidade do reino de Deus e sob o trono de Deus, que está estabelecido sobre a justiça como fundamento (Rm 14:17; Sl 89:14).
 - H. Praticar a justiça divina é revestir-se com a justiça para ser a noiva de Cristo, adornada com justiça brilhante e resplandecente (Ap 19:7-8).

MENSAGEM NOVE

A PRÁTICA DA JUSTIÇA DIVINA

Primeira João 2:28-29 diz: “Filhinhos, agora, pois, permaneço nele, para que, quando ele se manifestar, tenhamos confiança e dele não nos afastemos envergonhados na sua vinda. Se sabeis que ele é justo, reconheci também que todo aquele que pratica a justiça é nascido dele.” Precisamos tomar nota de três coisas nesses versículos. Primeiro, o pronome pessoal *Ele* se refere ao Filho e ao Pai no versículo 24. Segundo, a frase *pratica a justiça* é importante. *Prática* é uma expressão única em 1 João. *Praticar a verdade* em 1:6 significa mais que meramente praticar a verdade ou se comportar de acordo com ela. João também se refere à prática da justiça, do pecado e da iniquidade (2:29; 3:4, 7-10). *Prática* é uma palavra forte em grego, significa fazer algo de uma forma enfática. Terceiro, devemos tomar nota da frase *nascido Dele*. A base de tudo é sermos nascidos Dele. Ser nascido de Deus significa recebermos o nascimento divino, que é um dos sete grandes mistérios em 1 João.

Primeira João 3:1 diz: “Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus. Por essa razão, o mundo não nos conhece, porquanto não o conheceu a ele mesmo”. Esse versículo indica que somos chamados filhos de Deus porque fomos gerados Dele. Isso fortalece o ponto que recebemos o nascimento divino.

Os versículos 2 até 6 dizem: “Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é. E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro. Todo aquele que pratica o pecado também transgredir a lei, porque o pecado é a transgressão da lei. Sabeis também que ele se manifestou para tirar os pecados, e nele não existe pecado. Todo aquele que permanece nele não vive pecando; todo aquele que vive pecando não o viu, nem o conheceu.” O versículo 5 diz que “nele não existe pecado”, isto é, o pecado não está Naquele que tira tanto o pecado (a natureza pecaminosa) como pecados (atos pecaminosos). No versículo 6, os pontos permanecer e pecar estão

contrapostos. Se não estivermos permanecendo Nele, estaremos pecando. Se estivermos pecando, é porque não estamos permanecendo Nele.

Os versículos 7 até 9 dizem: “Filhinhos, não vos deixeis enganar por ninguém; aquele que pratica a justiça é justo, assim como ele é justo. Aquele que pratica o pecado procede do diabo, porque o diabo vive pecando desde o princípio. Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo. Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus.” A frase *praticar a justiça* aparece pela primeira vez em 2:29 e depois em 3:7. O versículo 9 indica que mediante o nascimento divino, recebemos a semente divina. Temos essa semente permanecendo em nós. Porquanto essa semente está em nós, não praticamos o pecado. Primeiro, não praticamos o pecado como um hábito (v. 9). Depois, não pecamos (v. 6). Por fim, não podemos pecar porque fomos gerados de Deus (v. 9).

O versículo 10a diz: “Nisto são manifestos os filhos de Deus e os filhos do diabo”. As duas menções sobre ser gerados de Deus (2:29; 3:9) são seguidas da menção de filhos de Deus (3:1, 10).

O esboço de 1 João na Versão Restauração é simples e mostra que 1 João tem somente três seções principais. A primeira seção diz respeito à comunhão da vida divina (1:1—2:11). A segunda versa sobre o ensinamento da unção divina (vv. 12-27). A terceira fala das virtudes do nascimento divino (2:28—5:21), que compreende praticar a justiça divina (2:28—3:10a), praticar o amor divino (3:10b—5:3) e vencer o mundo, o pecado, a morte, o diabo e os ídolos (vv. 4-21). Podemos vencer essas cinco coisas negativas pela prática das virtudes divinas. Memorizar esse simples esboço vai nos ajudar a conhecer a estrutura de 1 João.

A prática da justiça divina, que é o tema desta mensagem, e a prática do amor divino são virtudes divinas que resultam do nascimento divino com a semente divina. Na mensagem anterior, vimos muitas coisas misteriosas relacionadas com a fonte. Esta mensagem diz respeito à virtude, que é algo que é expresso embora seja misterioso. A justiça divina e o amor divino são virtudes do nascimento divino como expressões no nosso viver humano.

A justiça divina e o amor divino, como virtudes do nascimento divino, são o resultado das seções anteriores em 1 João: as seções sobre a comunhão da vida divina e o ensinamento da unção divina. É devido à vida divina com sua comunhão e unção, junto com seu ensinamento, que há as virtudes

divinas de justiça e amor. Não são justiça e amor num sentido geral, mas justiça e amor como virtudes que resultam do nascimento divino em nós.

**A COMUNHÃO DA VIDA DIVINA E
O ENSINAMENTO DA UNÇÃO DIVINA
DEVEM TER UM RESULTADO —
A EXPRESSÃO DO DEUS JUSTO**

A comunhão da vida divina e o ensinamento da unção divina devem ter um resultado — a expressão do Deus justo (1Jo 2:29; 3:7). A comunhão da vida divina e o ensinamento da unção divina não devem permanecer na esfera da filosofia ou do conhecimento, mas devem resultar na expressão do Deus justo.

**A PALAVRA *JUSTO* EM 2:29 REFERE-SE AO DEUS JUSTO EM 1:9
E A JESUS CRISTO, O JUSTO, EM 2:1**

A palavra *justo* em 2:29 refere-se ao Deus justo em 1:9 e a Jesus Cristo, o Justo, em 2:1. Justiça é o que Jesus é. Ele é a corporificação, a encarnação da justiça. Ter Jesus é ter justiça.

Precisamos saber de uma forma profunda, definida o que a palavra *justiça* significa. Primeiro, Deus é justo. Temos um Deus que é justo em Seus caminhos. Salmos 103:7 diz: “Manifestou os seus caminhos a Moisés e os seus feitos aos filhos de Israel.” Não é suficiente conhecer os atos de Deus; precisamos também conhecer Seus caminhos, os princípios pelos quais Ele trabalha. Deus trabalha por meio da justiça. Ele é um Deus justo, Ele é justo em tudo.

Não somos justos. Deus é sempre correto; nós somos sempre errados. Deus e nós somos dois extremos opostos, dois pólos, não somos compatíveis com Deus. A palavra *justo*, em seu uso original no Antigo Testamento, não tem a conotação de uma relação legal; é simplesmente ser correto para com alguém, conformar-se a uma norma ou seguir uma ordem adequada de assuntos. Isso descreveria a relação adequada de um pai e um filho, não o de um juiz e um criminoso. Simplesmente significa que duas pessoas são corretas uma para com a outra. Assim, é um problema Deus estar sempre certo e nós sempre errados. Deus nunca está errado. Se formos pessoas que normalmente cometem erros, podemos ficar irritados com alguém que sempre parece estar certo e podemos desejar que ele estivesse errado de vez em quando. Podemos ter tal sentimento para com Deus. É por esse motivo que é difícil para nós estarmos certos para com Deus. Se ficamos incomodados com alguém que é sempre relaxado, este provavelmente fica aborrecido conosco também. O Único que está sempre certo é Deus.

Para conhecermos essa questão de justiça, primeiro precisamos saber que Deus é justo. Por um lado, Deus precisa estar reconciliado conosco. Por outro, Ele precisa estar reconciliado consigo mesmo. No capítulo 5 de "O Evangelho de Deus", o irmão Nee explica que se Deus fosse somente amor, Ele não teria problema com o homem ou consigo mesmo. Se Deus fosse somente justo, Ele teria problema com o homem, mas não consigo mesmo. Mas uma vez que Deus é tanto amor como justiça, Ele tem um problema com o homem e consigo mesmo porque precisa encontrar um meio de lidar com o homem segundo ambos: amor e justiça.

Quando era um jovem cristão, *justiça* era uma palavra temível e opressiva para mim e eu a abordava com muito temor. Então percebi que justiça não é um problema do homem mas de Deus. Ele precisa cuidar da justiça por causa de Seus caminhos. Ele quer amar-nos, mas não consegue amar-nos de uma forma injusta ou ilícita. O irmão Nee diz: "A salvação de Deus não é uma 'mercadoria contrabandeada' (...) Ele não oferece uma salvação fraudulenta" (p. 78). Tudo o que Deus faz tem de ser compatível com o que Ele é. Por isso, Ele não pode nos dar uma graça contrabandeada ou um perdão por debaixo dos panos. Deus precisa fazer tudo em cima da mesa, às claras, de uma forma absolutamente correta porque a justiça é o Seu ser.

A Justiça de Deus É Aquilo que Deus É em Suas Ações Relativas à Justiça e Retidão

Justiça Está Relacionada às Ações e Atividades de Deus

A justiça de Deus é aquilo que Deus é em Suas ações relativas à justiça e retidão (Rm 1:17; 3:21-22; 10:3). Justiça está relacionada às ações e atividades de Deus (Ap 16:7; 19:2). Fico alegre porque o que costumava ser usado contra mim e me tornava temeroso, agora é para mim e me apóia.

Romanos 1:17 diz: "Visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé." A estrutura do livro de Romanos pode ser resumida em três palavras encontradas nesse versículo: *justiça*, *fé* e *vida*. A justiça, que costumava nos dar medo, agora é o fundamento que nos dá a certeza, a ousadia e o poder. O evangelho é o poder de Deus (v. 16) porque é baseado na Sua justiça. Romanos 8:31 diz: "Que diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?" Nossa relação com Deus é baseada não em Seu amor mas em Sua justiça. O irmão Nee ilustrou essa questão em *O Evangelho de Deus*:

Um dia, eu estava no Parque Hsiao-feng lendo minha Bíblia. De repente, o céu escureceu e houve um trovão. Parecia que ia chover imediatamente. Fechei a Bíblia rapidamente e corri até uma pequena casa atrás do parque. Mas pouco depois a chuva ainda não havia chegado e, então, fui para casa apressadamente. A caminho de casa, o céu ainda estava bem escuro; trovejava e as nuvens estavam muito carregadas. Ainda assim a chuva não caiu. Nenhuma gota caiu sobre mim em todo o caminho para casa. Em outra ocasião, algum tempo mais tarde, fui de novo ao mesmo parque para ler. Dessa vez, também o céu escureceu como da vez anterior. Começou a trovejar novamente e as nuvens estavam pesadas e densas. Então, considerei minha experiência anterior, fiquei calmo e caminhei lentamente. Mas infelizmente, dessa vez, a chuva veio e me molhei. Não tive escolha a não ser correr para a pequena casa outra vez. Quando cheguei na casa, a chuva desabou. Não sabia quão forte a chuva seria. Mas, finalmente, o céu clareou, as nuvens se dispersaram, cessaram os trovões e voltei para casa. Dessa vez, assim como na anterior, não caiu uma gota de chuva enquanto voltava para casa. (...) Embora na primeira vez não tenha chovido a caminho de casa, não sabia quando a chuva viria; em decorrência disso, meu coração ficou de sobreaviso. Na segunda ocasião, também não houve chuva a caminho de casa, mas meu coração estava em paz, porque a chuva já tinha passado e o céu estava claro (...) Mas graças ao Senhor, pois a salvação que recebemos é algo que já "passou pela chuva." É uma salvação que "passou pelo trovão" (p. 94).

Ter uma salvação que já "passou pela chuva" significa que o que era contra nós está agora trabalhando por nós. Devemos dar graças ao Senhor por esse fato maravilhoso e desfrutar a justiça de Deus. Quando era jovem cristão, ficava atormentado com a justiça de Deus, sempre tentando agradá-Lo. Então Deus revelou-me que Sua justiça na verdade trabalha para mim. A estrofe 2 do hino *Amazing Grace* pode ser adaptada para descrever essa experiência: "Foi a justiça que ensinou meu coração a temer, / E foi a justiça que aliviou meus temores." Nada temos a temer. A tempestade acabou e as nuvens se foram. Deus agora pode e deve nos aceitar em Cristo.

***Deus É Justo em Seus Caminhos —
Seus Princípios Governantes pelos Quais Ele Faz as Coisas;
Justiça É a Natureza dos Atos de Deus***

Deus é justo em Seus caminhos — Seus princípios governantes pelos quais Ele faz as coisas; a justiça é a natureza dos atos de Deus (15:3; Sl 103:7). Não devemos temer por Deus ser justo em Seus caminhos porque ao julgar Cristo na cruz, Ele tratou com tudo de uma maneira justa. Assim, não há contradição em Deus, não há mais problemas conosco. Quando há paz Nele, há também paz em nós.

***Deus É Justo no Sangue de Jesus Seu Filho,
que Cumpriu as Exigências Justas de Deus para que
Ele Pudesse Perdoar Nossos Pecados***

Deus é justo no sangue de Jesus Seu Filho, que cumpriu as exigências justas de Deus para que Ele pudesse perdoar nossos pecados (1Jo 1:9). Novamente, o perdão de Deus não é barato nem ilegal; é um perdão justo, baseado no sangue de Jesus Seu Filho.

Em Ascensão, Jesus Cristo é o Justo

***Como Aquele que Ascendeu aos Céus,
Cristo Está Trabalhando e Ministrando com Justiça***

Em ascensão, Jesus Cristo é o Justo (2:1). Como Aquele que ascendeu aos céus, Cristo está trabalhando e ministrando com justiça. Na vida terrena de Cristo, de trinta e três anos e meio, Ele cumpriu toda a lei. Ninguém podia condená-Lo. Ele foi examinado antes de ter sido crucificado e provou ser alguém sem pecado (Jo 18:38; 19:4, 6). Em Sua ascensão, enquanto está executando Seu ministério celestial, Ele continua a ser o Justo.

***Como Nosso Representante ou Advogado no Tribunal Celestial,
Cristo É o Justo***

Como nosso Representante ou Advogado no tribunal celestial, Cristo é o Justo (1Jo 2:1). Temos um Representante, um Advogado no céu que é justo. Ao levar a cabo o ministério do Novo Testamento e a execução da economia de Deus por toda a terra, desde a época de Sua ascensão até Sua volta, Deus executa tudo em justiça. Nosso Deus e Cristo por serem justos, estabelecem o fundamento.

**HÁ DOIS ASPECTOS
DE CRISTO SER JUSTIÇA DE DEUS PARA OS CRENTES**

Há dois aspectos de Cristo ser justiça de Deus para os crentes (1Co 1:30; Mt 5:20). Cristo é justiça para nós. Primeira Coríntios 1:30 revela não que a justiça de Cristo nos é dada, mas que Cristo nos é dado como nossa justiça. A justiça de Cristo nos condena. Cristo é tão justo que se Ele der Sua justiça a um pecador, ela vai esmagá-lo. Uma denominação fala muito sobre a justiça de Deus sendo imputada a nós. Essa ênfase promove o conceito errôneo de que a justiça é algo fora de Cristo, que Cristo nos dá. Watchman Nee enfatizou claramente que Cristo não nos dá Sua justiça, mas que Ele é nossa justiça (*The Collected Works of Watchman Nee*, vol. 36, pp. 202-208). Deus nos deu Cristo. Quando temos Cristo, temos a justiça.

O próprio Cristo é nossa justiça em dois aspectos: primeiro, como nossa veste exterior; segundo, como nossa nutrição, substância, elemento constituinte e constituição interior. É importante fazer a distinção entre esses dois aspectos: o objetivo e o subjetivo. A justiça objetiva nos justifica diante de Deus no tribunal celestial. Essa mensagem, entretanto, diz respeito à justiça em seu aspecto subjetivo. Não devemos equivaler a justiça subjetiva à nossa própria justiça. A justiça subjetiva ainda é justiça de Cristo. Isaías 64:6 diz: “Todas as nossas justiças, como trapo da imundícia.” Não obstante, a justiça de Cristo, experienciada por nós subjetivamente, torna-se a nossa justiça subjetiva.

**O Primeiro Aspecto É que Cristo
É a Justiça dos Crentes,
para que Eles Fossem Justificados Objetivamente
Diante de Deus no Momento em que Se Arrependeram
para Deus e Creram em Cristo**

O primeiro aspecto é que Cristo é a justiça dos crentes, para que eles sejam justificados objetivamente diante de Deus no momento em que se arrependem para com Deus e crêem em Cristo (Rm 3:24-26; At 13:39; Gl 3:24b, 27). Quando cremos em Cristo, nós O aceitamos e dessa forma Ele se torna nossa veste. O hino 295 do *Hymns*, escrito pelo conde von Zinzendorf, diz: “O Cristo de Deus, que é minha justiça, / Minha beleza é, minha veste gloriosa.” Cristo não derramou Sua justiça e no-la deu; antes, Deus nos deu Cristo como nossa veste. Temos Cristo como nossa veste maravilhosa.

**O Segundo Aspecto É que Cristo
É a Justiça dos Crentes Vivida por Eles
como a Manifestação de Deus,
que É a Justiça em Cristo Dada aos Crentes
para que Eles Sejam Justificados Subjetivamente por Deus**

O segundo aspecto é que Cristo é a justiça dos crentes vivida por eles como a manifestação de Deus, que é a justiça em Cristo dada aos crentes para que eles sejam justificados subjetivamente por Deus (Rm 4:25; 1Pe 2:24a; Tg 2:24; Mt 5:20; Ap 19:8). Em Lucas 15, quando o filho pródigo voltou para casa, ele foi coberto com uma veste externa, a melhor veste, que tipifica Cristo como a justiça que satisfaz Deus para cobrir o pecador arrependido (v. 22). Além da melhor veste ser posta no filho pródigo, o bezerro cevado foi também imolado e comido (v. 23). O bezerro cevado também representa Cristo como nossa justiça. Cristo é nossa veste externa para ser posta sobre nós como nossa justiça objetivamente, e Ele é nosso bezerro cevado para ser desfrutado por nós e então constituído em nós como nossa justiça subjetivamente.

Romanos 5:19 diz: “Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos.” Pelo fato de Cristo estar em nós subjetivamente, Ele se torna a justiça constituída dentro de nós. Temos Cristo como nossa justiça objetiva exteriormente, e também como nossa justiça subjetiva, interiormente.

Porquanto a Igreja Católica Romana nunca foi capaz de ver a distinção entre justiça objetiva e subjetiva, seus escritos não têm clareza. Os escritores católicos percebem, por um lado, que a graça é um resultado da justiça (vv. 1-2) e por outro, que a graça produz justiça (vv. 17, 19). Eles estão confusos porque não viram os dois aspectos da justiça e porque removeram o elemento de vida. Se os dois aspectos de justiça ficam distintos e o elemento de vida é acrescentado, tudo se torna claro. Um problema de séculos é resolvido pela verdade transmitida na nota de rodapé 2 sobre Romanos 5:17: “Justiça subjetiva (4:25b) advém da graça (5:17, 19) e a graça advém da justiça objetiva (vv. 1-2).” Precisamos de graça antes de termos justiça subjetiva, mas graça é produzida pela justiça objetiva.

Não nos importamos muito com teologia, mas devemos conhecer os tesouros, os diamantes maravilhosos que estão neste ministério. Muitas coisas que o irmão Lee viu e ensinou foram únicas. Recentemente, o presidente de um seminário disse a um grupo de cooperadores na restauração do Senhor: “A teologia de Witness Lee tem algo para contribuir para

todo o Corpo de Cristo.” Podemos não ter ido a um seminário ou ter Ph.D., mas não devemos subestimar a verdade que recebemos na restauração do Senhor. Ela abala a terra. Ela remodela todo o perfil da teologia cristã.

A questão da justiça objetiva e subjetiva é maravilhosa. Além da veste em Lucas 15:22, que é para nossa salvação, outra veste é mencionada em Mateus 22:11-12. Essa segunda veste é aquela do casamento, que é para nosso viver subjetivo de justiça em nossa conduta. Por um lado, somos salvos pela obra de Deus somente ao julgar Seu Filho na cruz. O que Ele cumpriu é o aspecto objetivo. Entretanto, depois que recebemos o que Deus fez, pela graça, pela Sua vida e pelo nascimento divino com a semente divina, podemos expressar uma justiça prática, habitual como a virtude divina em nosso viver. Essa verdade é baseada na revelação divina na Bíblia, não na teologia.

**PRATICAR A JUSTIÇA DIVINA É FAZER JUSTIÇA HABITUALMENTE,
CONTINUAMENTE E INVOLUNTARIAMENTE,
COMO UM MODO DE VIDA EM NOSSO VIVER DIÁRIO**

Praticar a justiça divina é fazer justiça habitualmente, continuamente e involuntariamente, como um modo de vida em nosso viver diário (1Jo 2:29; 3:7). A palavra *prática* é cheia de significado. Muitos dos pontos seguintes são baseados em 1 João 2:29, nota de rodapé 6. Aquele que é gerado de Deus pratica a justiça habitual, contínua, natural, espontânea e automaticamente. Praticar a justiça naturalmente não quer dizer que a praticamos acidentalmente, mas que a praticamos sem uma intenção ou propósito premeditado. Frequentemente usamos a frase *a coisa mais natural* para se referir a algo que chega até nós sem intenção. Escovar os dentes depois de se levantar de manhã acontece sem intenção porque isso já foi trabalhado em nós e adquirimos um hábito, como uma parte de nossa constituição, como um modo de vida em nosso viver diário. Deus quer que pratiquemos a justiça sem intenção, nem pretensão ou sem política.

As pessoas se comportam de três maneiras: por imitação, por intenção e por hábito. A maneira melhor e mais estável é o comportamento por hábito, por constituição. Um irmão jovem pode não saber o que significa invocar o Senhor, mas ele imita quando ouve seus pais invocando. Então, talvez, quando vem ao treinamento de tempo integral, ele aprende o que significa invocar o Senhor e começa a fazer isso intencionalmente. Depois de dois anos de treinamento, ele vai invocar por hábito. A justiça pode existir primeiro por intenção, mas posteriormente deve se tornar um hábito. Quando ela está em nós como um hábito, é uma questão de constituição.

Quando as pessoas aprendem um idioma estrangeiro, primeiro fazem isso por imitação. Depois começam a aprender e falar intencionalmente. É difícil falar nesse estágio porque ainda pensam numa língua e depois traduzem cada palavra no idioma estrangeiro antes de falar. Por fim, vão falar a língua estrangeira espontânea e habitualmente. Assim como para falar um idioma estrangeiro, podemos ser justos intencionalmente, mas quando esquecemos, falhamos. Quando nos lembramos, somos bem sucedidos. Vivemos Cristo pela memória, mas quando nos esquecemos, não vivemos Cristo. Por fim, entretanto, devemos começar a praticar a justiça, não intencionalmente ou pela memória, mas pela vida que vem como um acúmulo gradual adquirido de Cristo trabalhado em nós. Então isso se tornará nosso hábito.

Uma definição de *hábito* no dicionário diz que é “um padrão de ações adquiridas mediante repetição.” Um hábito não é um instinto, mas é algo que se tornou tão automático que é difícil de quebrar. Nosso invocar o Senhor deve tornar-se tal hábito. Quando as pessoas começam se exercitar fisicamente pela primeira vez, é muito difícil. Entretanto, depois de se exercitarem por alguns meses, é difícil para elas não se exercitarem. Quando não se exercitam, sentem todo o seu corpo apático porque adquiriram um hábito, que é difícil de parar. Esse princípio se aplica aos bons hábitos e aos maus também.

Na verdade, toda a nossa vida é um acúmulo de hábitos. Não importa se estamos praticando o pecado ou a justiça. Vivemos uma vida de hábito. As práticas do corpo mencionadas em Romanos 8:13 não são somente práticas malignas, maus hábitos, mas também qualquer hábito que não seja Cristo, não será justiça. Mesmo que não estejamos fazendo nada, que não seja necessariamente pecaminoso ou mundano, ainda assim é apenas nós mesmos. Vivemos diária e constantemente por hábito, não intencionalmente.

Outra definição de *hábito* é “uma tendência de nos comportar de certa forma.” Precisamos ter uma tendência de nos comportarmos em justiça, vivermos Cristo, expressar justiça. O *hábito* também pode ser definido como “uma condição característica da mente.” Um hábito foi adquirido a ponto de se tornar uma característica ou condição da mente ou do corpo.

Com o Nascimento Divino como Base e a Vida Divina como Meio, Podemos Viver uma Vida que Pratica a Justiça Divina

Com o nascimento divino como base e a vida divina como meio, podemos viver uma vida que pratica a justiça divina (2:25, 29; 3:9). Deixem-me chamar sua atenção para a palavra *base*, que é muito importante neste ponto.

O fato de nós, seres humanos, termos o nascimento divino é a maravilha das maravilhas. Se não tivéssemos o nascimento divino como base, seria impossível para nós praticarmos a justiça divina. Só seríamos capazes de viver uma vida que pratica a autojustiça.

Permitam-me enfatizar quatro coisas que estão relacionadas com a prática da justiça. Primeiro, a incumbência de viver a justiça divina é para todos os crentes. Isso é salientado pelo fato dessa seção começar com a palavra “filhinhos” (2:28). Essa designação se refere a todos os três grupos de pessoas mencionadas por João na seção anterior: os pais, os jovens e os filhos. Esses três grupos combinados são os filhinhos, que é a maneira de João se dirigir a todos os crentes em suas Epístolas (2:1, 12, 28; 3:7, 18; 4:4; 5:21; cf. 3Jo 4).

Segundo, praticar a justiça divina vai nos preparar para a vinda de Cristo — *parousia* — e nosso grande futuro de sermos semelhantes a Ele. Se praticarmos a justiça, não seremos envergonhados diante Dele em Sua vinda (1Jo 2:28). Nossa prática da justiça divina é também para nos preparar para nosso grande futuro de sermos semelhantes a Ele. Primeira João 3:2 diz que por enquanto não sabemos o que seremos: “Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é.” O grande futuro que aguardamos ansiosamente é termos a expressão de Cristo.

Terceiro, a incumbência para viver a justiça divina começa, continua e termina permanecendo Nele. O início dessa seção, 2:28, fala de permanecer Nele. O versículo 3:6 continua com permanecer Nele. A seção também termina com permanecer Nele (3:24). Se checarmos com nossa experiência, vamos ver que a menos que estejamos permanecendo no Senhor, não poderemos praticar a justiça divina. A única maneira de levarmos a cabo a justiça divina como uma expressão do Deus justo é permanecendo Nele. Já estamos em Cristo. Agora precisamos ficar em Cristo e continuar Nele. Isso é permanecer Nele.

Quarto, essa incumbência é baseada no nascimento divino. O versículo 2:29 diz que fomos gerados de Deus. Isso é repetido em 3:9. A vida divina, que vem até nós mediante o nascimento divino, é a base de vivermos a justiça divina. Temos uma base muito sólida. De uma forma bem simples, se não tivermos essa vida, não poderemos viver a justiça divina. Os cães experimentam um nascimento canino e têm uma vida canina. Porquanto cães não

podem ter o nascimento humano com a vida humana, eles não podem jamais viver uma vida humana. Não importa o que um cão faça, ele nunca poderá ser humano porque não tem pais humanos. Nós, entretanto, nascemos de pais humanos com a semente humana e assim temos a vida humana. Recebemos a semente, a vida humana quando fomos gerados de nossos pais. Essa semente, essa vida é nosso capital como humanos. Assim como nossa vida física é nosso capital físico, a vida espiritual é nosso capital espiritual. Com base no fato de termos sido gerados de Deus com a vida divina como meio, podemos viver a justiça divina.

A Prática da Justiça Divina

É um Viver Espontâneo que Resulta da Vida Divina que Está em Nós, com a qual Fomos Gerados pelo Deus Justo

A prática da justiça divina é um viver espontâneo que resulta da vida divina que está em nós, com a qual fomos gerados pelo Deus justo (1:1-2; 2:29; 5:1). No ponto anterior enfatizamos vida. Neste ponto, nossa ênfase é sobre um viver. Uma vez que temos a vida divina, temos um viver espontâneo que é a prática da justiça divina.

A Prática da Justiça Divina

É uma Expressão Viva de Deus, que É Justo em Todos os Seus Feitos e Atos

A prática da justiça divina é uma expressão viva de Deus, que é justo em todos os Seus feitos e atos (Ap 15:3). Em vez de ser uma composição de atos individuais justos, a prática da justiça divina é uma condição na qual vivemos. Permanecer é estar numa condição. Se treinarmos um macaco a agir como um ser humano, ele consegue imitá-lo. Entretanto, no máximo um macaco consegue apenas representar; ele jamais poderá permanecer ou ficar naquele tipo de comportamento como um viver. Uma vez que o treinador deixe o macaco, este volta ao seu próprio viver e própria condição. Igualmente, nós, como seres humanos, vivemos a vida humana, não por agirmos como tais, mas pelo fato de existirmos numa condição humana. Da mesma forma, permanecer em Deus não é um mandamento duro enquanto tivermos a vida correta. Se tivermos a vida divina, poderemos permanecer em Cristo porque é fácil permanecer no que somos.

Algumas pessoas que praticam ioga tentam se contorcer para parecer como uma flor de lótus porque consideram que o lótus é puro e limpo. Em minha opinião, tais pessoas estão meramente torturando seus próprios

músculos. Elas não são flores de lótus, mas seres humanos. Entretanto, tentam se conformar ao que não são. Embora sejam capazes de imitar uma flor de lótus por três horas, elas vão retornar à sua condição humana, que é a sua verdadeira condição. Da mesma maneira, muitas pessoas tentam agir como Deus. Embora tentem agir como tal, elas não têm a vida de Deus. Assim, depois de muitas horas tentando agir como Deus, elas precisam descansar e reassumir sua vida humana típica. Se uma pessoa sente que precisa descansar ao ser algo diferente, isso significa que ela não é aquela coisa. Uma pessoa pode ser ou fazer algo sem esforço somente quando se torna aquela coisa. Para se tornar algo, precisamos viver no habitat apropriado. Como crentes, nosso habitat é a esfera divina, o âmbito de Deus. Se não tivermos a vida de Deus, não poderemos ser segundo a Sua espécie. Os anfíbios às vezes vivem na terra, mas quando não podem mais tolerar ficar lá, pulam de volta para a água. Somente aquelas criaturas que têm pulmões são capazes de viver fora da água permanentemente. Como crentes, precisamos desenvolver “pulmões” divinos. Então, seremos capazes de viver permanentemente no reino divino.

A Prática da Justiça Divina

não É Meramente Comportamento Exterior, mas a Manifestação da Vida Interior; não É Meramente um Ato Proposital, mas o Fluir da Vida do Interior da Natureza Divina, da qual Participamos

A prática da justiça divina não é meramente comportamento exterior, mas a manifestação da vida interior; não é meramente um ato proposital, mas o fluir da vida do interior da natureza divina, da qual participamos (2Pe 1:4; Ap 22:1-2). Vimos que temos a vida divina e o viver divino com a expressão divina. Agora precisamos considerar a natureza divina. Toda vida tem sua natureza. Essa natureza ajuda aquela criatura ou planta a desenvolver uma vida que tem todas as características de sua natureza. Como sendo participantes de uma natureza, todas as características da natureza são desenvolvidas dentro dela.

Temos a vida divina como a semente divina dentro de nós. Primeira Pedro 1:23 diz que fomos “regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível.” Essa semente, que é mencionada outra vez em 1 João 3:9, é semente divina dentro de nós. Não basta que essa semente meramente seja

plantada dentro de nós. Ela precisa crescer. O crescimento dessa semente é totalmente determinado pela sua natureza. Precisamos participar da natureza divina para desenvolver essa semente e fazê-la crescer dentro de nós. À medida que a semente divina cresce, vamos começar a praticar a justiça divina. Vamos praticar não como um comportamento ou como um ato, mas como o resultado e o fluir da vida divina.

***Temos uma Natureza Justa em Nós,
uma Natureza que É do Nosso Novo Homem***

Temos uma natureza justa em nós, uma natureza que é do nosso novo homem (Ef 4:24; Cl 3:10). Efésios 4:24 diz que o novo homem foi “*criado segundo Deus, em justiça e santidade procedentes da verdade*” (RV). A justiça é a expressão exterior da luz. João fala da luz expressada em justiça (cf. 1Jo 1:7-9). A santidade é a expressão exterior do amor. Pedro fala do amor expresso em santidade (cf. 1Pe 1:22). O novo homem é a nova criação, a vida da igreja, a expressão exterior da semente interior quando ela cresce. Efésios 4:24 diz que o novo homem foi criado em justiça e santidade; daí, justiça e santidade são características do novo homem. Temos uma natureza justa e santa dentro de nós; essa é a natureza de nosso novo homem.

***Quando Obedecemos a Unção Interior,
o Mover do Deus Triúno em Nós,
Nós Vivemos Habitualmente Segundo essa Natureza Justa***

Quando obedecemos a unção interior, o mover do Deus Triúno em nós, nós vivemos habitualmente segundo essa natureza justa (1Jo 2:27). À medida que obedecemos a unção interior, vivemos de acordo com ela, a natureza justa se tornará parte de nosso hábito, parte de nossa conduta regular adquirida.

***Como Resultado de Sermos Saturados
com o Deus Triúno, Tornamo-nos Sua Expressão;
em Especial, porque Deus É Justo,
quando O Expressamos, Expressamos Sua Justiça***

Como resultado de sermos saturados com o Deus Triúno, tornamo-nos Sua expressão; em especial, porque Deus é justo, quando O expressamos, expressamos Sua justiça (3:7). Precisamos ser saturados com o Deus Triúno. Embora a palavra *saturado* não esteja no livro de 1 João, a idéia de saturação

está lá. A justiça divina é uma consequência da semente divina, que cresce quando temos comunhão na vida divina e somos ensinados pela unção divina. Quando essa unção divina nos unge, ensinando-nos a permanecer Nele, nós crescemos. Nessa condição de sermos ungidos, temos a justiça divina. É por isso que nos é dito que a unção precisa permanecer em nós e que precisamos permanecer em Cristo (2:27). Essa unção é um óleo que nos satura ao permanecermos nele.

Temos o nascimento divino. Esse nascimento nos dá o direito de experimentar o permanecer. O permanecer nos introduz na unção, que é a saturação do permanecer. O permanecer nos introduz na unção, que é uma saturação. Essa saturação introduzirá a expressão. Quando todo o nosso ser ficar saturado pelo óleo da unção, nós nos tornaremos Sua expressão. Precisamos nos lembrar desses passos: primeiro, a base é o nascimento divino; segundo, permanecemos Nele; terceiro, a unção vai nos saturar com tudo o que Deus é, ou seja, o próprio Deus Triúno, à medida que permanecemos Nele; quarto, o que nos satura tem uma expressão em nosso ser. Esse é o operar divino.

***Porque Permanecemos
no Deus Justo e Ele Está nos Saturando com o que Ele É,
Expressamos Sua Justiça Vivendo uma Vida Justa
Habitualmente e Involuntariamente***

Porque permanecemos no Deus justo e Ele está nos saturando com o que Ele é, expressamos Sua justiça vivendo uma vida justa habitualmente e involuntariamente (2:29). Essa vida justa é algo que praticamos em nossa vida cotidiana. Em 1 Coríntios 15:34, Paulo exorta os crentes coríntios a serem sóbrios com justiça; “Tornai-vos à sobriedade, como é justo, e não pequeis.” Quando li esse versículo pela primeira vez, não compreendi. Pensei que faria mais sentido se Paulo tivesse dito aos crentes coríntios para julgar com justiça ou se irar com retidão (cf. Ef 4:26; Dt 1:16). Entretanto, sobriedade e justiça não parecem estar relacionados. O fato de não estarem relacionados, entretanto, é, em certo sentido, o ponto nesse versículo. Devemos fazer *tudo* com justiça. Devemos sorrir com justiça, saudar com justiça, amar com justiça, exercitar-nos com justiça e até mesmo dormir com justiça. A única maneira de podermos fazer tudo com justiça é se a justiça for nosso viver cotidiano. Se nosso viver for justiça, então tudo o que fizermos será justo.

**Praticar a Justiça Divina — Viver uma Vida Justa
que É a Expressão do Deus Justo — É Purificar a Nós Mesmos**

Praticar a justiça divina — viver uma vida justa que é a expressão do Deus justo — é purificar a nós mesmos. Primeira João 3:3 salienta que todos que desejarem praticar a justiça devem purificar a si mesmos, assim como Deus é puro. O Único no universo que é puro e não tem traço de pecado ou contaminação é o próprio Deus. Assim, ser puro é ser cheio de Deus. Em Apocalipse 19, as vestes da noiva são puras “pois lhe foi dado vestir-se de linho finíssimo, resplandecente e puro. Porque o linho finíssimo são os atos de justiça dos santos” (v. 8). Ser resplandecente e limpo é ser puro. *Limpo* se refere à natureza, ao passo que *resplandecente* se refere à expressão. Quando praticamos a justiça, participamos da natureza pura de Cristo. Essa natureza pura de Cristo nos purificará. Quando cremos em Cristo pela primeira vez, nossa consciência foi purificada (Hb 9:14). Agora precisamos prosseguir para sermos purificados em todo o nosso ser.

O livro de Números fala sobre os nazireus e como eles eram purificados. O voto do nazireu em Números 6 segue o tratamento corporativo em Números 5:1-4, no qual o povo era purificado de lepra, de fluxo e de morte (*Life-study of Numbers*, pp. 41-43, 55). Esses representam as três coisas das quais precisamos ser purificados: rebelião, o produto do homem natural e qualquer tipo de morte. Além disso, precisamos ser purificados até sermos fiéis a Deus e castos para com Cristo. Esse é o significado da purificação dos nazireus em sua aplicação no Novo Testamento. Quando praticamos a justiça, somos purificados. Assim, praticar a justiça divina é purificarmos a nós mesmos.

Justo no Versículo 7 É Igual a Puro no Versículo 3

Justo no versículo 7 é igual a *puro* no versículo 3. O versículo 7 diz: “Filhinhos, não vos deixeis enganar por ninguém; aquele que pratica a justiça é justo, assim como ele é justo.” Compare isso ao versículo 3, que diz: “E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro.” Ele é justo e Ele é puro.

**Ser Justo É Ser Puro, sem Mancha Alguma de Pecado,
de Iniquidade e de Injustiça, assim como Cristo**

Ser justo é ser puro, sem mancha alguma de pecado, de iniquidade e de injustiça, assim como Cristo. Não chamamos a nós mesmos de puritanos;

não temos a pureza como uma virtude em si como um valor. Antes, temos a Cristo como nossa pureza. Quando Cristo está em nós, Ele é a pureza dentro de nós.

Praticar a justiça divina é diametralmente oposto à prática do pecado. Primeira João 2:28—3:10a fala sobre uma opção: ou praticamos a justiça ou o pecado. Quando não estamos praticando a justiça, estamos praticando o pecado por negligência. Se não praticamos a justiça, então até não fazer nada é praticar pecado. O versículo 6a diz: “Todo aquele que permanece nele não vive pecando.” Esse versículo implica que se não permanecermos Nele, estaremos pecando não importa o que estejamos fazendo. Podemos estar distribuindo dinheiro aos pobres, mas enquanto não estivermos permanecendo Nele, estaremos pecando. Aquele que permanece em Deus, todavia, não peca.

Essa passagem também expõe totalmente o que é pecado. Primeiro, o versículo 8 diz que a origem do pecado é o diabo “porque o diabo vive pecando desde o princípio.” Segundo, dizendo que “nele não existe pecado” (v. 5), essa passagem salienta que Cristo é justiça em Si mesmo. Segunda Coríntios 5:21 vai além disso, dizendo que Cristo nem mesmo *conhece* o pecado. Primeira Pedro 2:22 diz que Ele “não cometeu pecado.” Cristo não peca, tampouco conhece o pecado. Ele é chamado de Jeová nossa justiça (Jr 23:6), e Nele não há pecado.

Está claro que Cristo não tem pecado. Nós, entretanto, somos aqueles que praticam o pecado. Esse fato é uma evidência de que somos do diabo (1Jo 3:8). Em nosso ser natural como pecadores, praticamos o pecado e somos do diabo. Cristo foi manifestado para que Ele pudesse remover pecados (v. 5). A obra de Cristo na cruz não somente remove o pecado com uma natureza, mas também remove pecados, querendo dizer todas as manifestações de pecado. Aqueles que foram redimidos e regenerados, experimentaram o nascimento divino e não *praticam* pecado. Um cristão não tem a aptidão para pecar. Mesmo que nós, como cristãos, quiséssemos pecar, não temos a aptidão para tal. Precisamos nos esquecer do que somos e dizer: “Amém! Não consigo pecar. Não tenho aptidão para pecar!” Depois de dizer isso, entretanto, você pode dizer: “Bem, eu peço.” O irmão Lee nos dá uma explicação. Pecamos porque ocasionalmente nos contaminamos, mas a verdade da questão é que nós não podemos pecar.

Alguns podem argumentar que pela salvação é possível para o pecador não pecar. De acordo com as Escrituras, esse argumento não é exato. Por um

lado, 1 João 3:9 diz claramente que não conseguimos pecar. Essa parte dentro de nós que não peca nem pode pecar é a parte que foi gerada de Deus para sermos um filho de Deus. Essa parte é nosso espírito. Nosso espírito foi “filhoficado.” Assim, é já um filho de Deus. Por outro lado, há pelo menos uma parte em nós que ainda não é um filho de Deus: nossa carne. Toda a criação está gemendo até que tenhamos a plena filiação, que é a redenção de nosso corpo (Rm 8:23). Quando nosso corpo for redimido, ele será filhoficado. Nessa hora, nosso corpo será filho de Deus assim como nosso espírito também o é agora. Até então, precisamos declarar 1 João 3:9: “Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus.” Vamos permanecer com nosso espírito e contra a parte que ainda não é um filho de Deus.

**Praticar Pecado (Iniquidade) É Viver uma Vida que Não
Está Sob o Princípio Governante de Deus Sobre o Homem;
Praticar a Justiça É Viver de Maneira Justa
Sob o Princípio do Governo de Deus**

Praticar pecado (iniquidade) é viver uma vida que não está sob o princípio governante de Deus sobre o homem; praticar a justiça é viver de maneira justa sob o princípio do governo de Deus (vv. 4, 7). Praticar pecado, que é praticar a iniquidade, não é somente ser iníquo com relação à lei de Moisés, mas praticar a iniquidade com relação a Deus. Qualquer coisa que seja fora de Deus, isto é, qualquer coisa que não esteja debaixo do princípio governante de Deus, é pecado. Se não estivermos permanecendo em Deus, tudo o que fizermos será pecado. Quando não permanecemos em Deus, pecamos e somos iníquos.

**PRATICAR A JUSTIÇA DIVINA É EXPRESSAR E
MANIFESTAR A JUSTIÇA DE DEUS DE MANEIRA PLENA E COMPLETA**

**Praticar a Justiça Divina É Viver uma Vida Correta
para com Deus, Pessoas, Coisas e Assuntos,
Diante de Deus Segundo a Sua Justiça e Rígidas Exigências**

Praticar a justiça divina é expressar e manifestar a justiça de Deus de maneira plena e completa (Mt 5:20; Rm 8:4; 2Co 3:9; 5:21; Fp 3:9; Sl 89:14; Ap 19:7-8; 2Pe 3:13). Praticar a justiça divina é viver uma vida correta para com Deus, pessoas, coisas e assuntos, diante de Deus segundo a Sua justiça e rígidas exigências (Mt 5:20).

Primeiro e mais importante, praticar a justiça divina é viver uma vida que é correta para com Deus. De acordo com essa definição, ser justo é ser correto para com Deus. A única maneira de estarmos em paz com um homem que é perfeito é receber a vida de homem perfeito de modo que possamos ser tão corretos como ele. Então, uma vez que ele é perfeito, seremos aperfeiçoados também e conseqüentemente seremos corretos para com ele. Porquanto Deus é totalmente justo, é impossível para nós sermos corretos para com Ele. Não obstante, como Seus filhos, é-nos possível ser corretos para com Ele.

Mateus 5:20 contrasta dois tipos de justiça: a justiça dos escribas e fariseus e a justiça sobreexcelente que está em Cristo. A justiça sobreexcelente em Cristo tem uma lei mais elevada que é tanto um suplemento da antiga lei dos escribas e fariseus como uma nova lei substituta. A antiga lei estabelecia que não devemos matar e não devemos cometer adultério. O suplemento da lei nos diz que não podemos nem ficar zangados com alguém, nem desejar uma mulher (vv. 21-30). A nova lei que substitui a antiga é a lei que diz que não podemos nos divorciar nem jurar. Ela, além disso, nos ordena que se uma pessoa nos esbofetear em uma face nós devemos oferecer-lhe a outra face. Também diz que em vez de odiarmos nosso inimigo, devemos amá-lo (vv. 31-47). Todas essas leis são muito mais elevadas que a antiga lei. Em natureza, essa lei mais elevada é a vida de Cristo. Seu padrão é muito mais elevado do que a lei mosaica. É por isso que as Escrituras revelam-na como a justiça sobreexcelente e a contrastam com a justiça dos escribas e fariseus. Essa lei mais elevada é a lei que governa a justiça divina, pela qual somos corretos para com Deus, com as pessoas, com as coisas e as questões diante de Deus segundo o Seu padrão, isto é, de acordo com Sua natureza.

**Praticar a Justiça Divina
É Manifestar em Nossa Vida a Justiça Subjetiva de Deus,
que na Verdade É o Próprio Deus em Cristo Manifestado
por Nós para se Tornar um Viver Diário que
É Justo para com Deus e o Homem**

Praticar a justiça divina é manifestar em nossa vida a justiça subjetiva de Deus, que na verdade é o próprio Deus em Cristo manifestado por nós para se tornar um viver diário que é justo para com Deus e o homem. Filipenses 3:9 revela que Paulo foi encontrado em Cristo. A condição que precisa ser

cumprida se quisermos ser encontrados em Cristo é não ter nossa própria justiça, que é fora da lei, mas temos a justiça “que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé.” Se preencheremos essa condição necessária, seremos encontrados em Cristo. Esse versículo, como Mateus 5:20, contrasta dois tipos de justiça. Mateus 5 contrasta a justiça dos fariseus e a justiça sobreexcelente; Filipenses 3 contrasta a justiça que é de acordo com a lei com a justiça que é mediante a fé em Cristo, a justiça que provém de Deus e é baseada na fé. A frase traduzida por *fé em Cristo* em Filipenses 3:9 literalmente é *fé de Cristo*. Tal fé é uma união orgânica entre Cristo e nós. Somos organicamente unidos a Cristo a tal ponto que a fé de Cristo se torna a nossa fé. É essa fé que nos junta organicamente a Ele e nos dá a fé de Cristo. A justiça que recebemos nessa união orgânica se contrapõe à justiça que é segundo a lei. Enquanto a última é nossa própria justiça, a primeira é a justiça de Deus. Assim, a justiça sobre a qual Paulo escreveu nessa passagem é o próprio Deus.

Essa justiça tem sua fonte em Deus. Quando falo de “minha justiça”, quero dizer a justiça que é determinada pelos meus critérios. Se eu for um criminoso, minha justiça é a justiça de um criminoso; se eu for um juiz, então quando falar de minha justiça, estarei falando da justiça de um juiz. Quando as Escrituras falam da justiça de Deus, querem dizer a justiça que é de acordo com Deus, isto é, a justiça que é de acordo com o Seu padrão. Em outras palavras, é uma justiça que está inextricavelmente ligada à pessoa do próprio Deus e nada tem a ver com a lei. Essa justiça é a justiça subjetiva, e ela é na verdade o próprio Deus. Essa é a justiça na qual Paulo queria ser encontrado. Ele não queria ser encontrado sendo justificado e sendo feito reto segundo a lei do Antigo Testamento, mas queria ser uma pessoa que era encontrada em Deus e que estava na fé de Deus. Somente uma pessoa encontrada em Cristo tem o tipo de justiça de que Paulo fala em Filipenses 3.

**Praticar a Justiça Divina É Viver Cristo; se Vivermos Cristo,
Seremos as Pessoas Mais Justas, pois o Cristo que Vive em Nós
nos Fará Justos em Tudo e com Todos**

Praticar a justiça divina é viver Cristo; se vivermos Cristo, seremos as pessoas mais justas, pois o Cristo que vive em nós nos fará justos em tudo e com todos (1:20-21a). Praticar a justiça divina é viver Cristo. Somente quando vivemos Cristo é que podemos expressar a justiça que ultrapassa aquela que é segundo a lei.

Não devemos dizer que não somos justos. Todos somos justos segundo o nosso próprio padrão de justiça. O motivo de sermos ofendidos pelas pessoas é que elas ofendem nossa lei. Assim, somos justos à nossa maneira e cada um de nós tem sua própria justiça. Como Paulo, não devemos ser encontrados nesse tipo de justiça. Se formos encontrados em Cristo e fora de nossa própria justiça, nunca seremos ofendidos porque nossa justiça não será baseada nem na lei mosaica nem na lei que nós mesmos instituímos, mas na de Deus, na fé de Cristo. A única maneira de podermos expressar tal justiça é viver Cristo. Se O vivermos seremos as pessoas mais justas porque o Cristo que vive dentro de nós nos fará corretos em tudo e para com todos.

Novamente, precisamos ter clareza de que essa justiça é uma pessoa. Filipenses 1 revela o abundante suprimento do Espírito, isto é, o Espírito como o suprimento abundante (v. 19). O capítulo 2 fala da palavra de vida, isto é, da palavra que é vida (v. 16). No capítulo 3, vemos a justiça de Deus, ou o próprio Deus como justiça (v. 9). Por fim, vemos a fé em Cristo, ou a fé de Cristo, que é Cristo como fé (v. 9). O livro de Filipenses nos mostra que temos Deus, Cristo, o Espírito e a palavra, todos os quais fazem de nós aqueles que são encontrados em Cristo.

**Praticar a Justiça Divina
É Ter a Justiça que É a Expressão Exterior do Cristo
que Vive em Nós como o Espírito que Dá Vida;
à Medida que Cristo Vive em Nós como o Espírito e
Nós O Manifestamos, Nosso Viver Expressará a Justiça Divina**

Praticar a justiça divina é ter a justiça que é a expressão exterior do Cristo que vive em nós como o Espírito que dá vida; à medida que Cristo vive em nós como o Espírito e nós O manifestamos nosso viver expressará a justiça divina (1Co 15:45b; 6:17; 2Co 3:6, 9, 17-18).

Segunda Coríntios 3 fala do único ministério do Novo Testamento. Esse capítulo enfatiza que esse ministério tem uma essência que consiste de duas coisas. Primeiro, esse ministério é do Espírito; segundo, é de justiça. O Espírito e a justiça juntos constituem a essência do ministério do Novo Testamento. Chamamos o Espírito de essência do ministério porque foi com esse Espírito que Paulo escreveu as Epístolas (v. 3). O ministério do Novo Testamento existe para escrever cartas, isto é, para nos tornar cartas de Cristo e a “tinta” com a qual os ministros escrevem é o Espírito. Isso significa que o Espírito é a essência do ministério do Novo Testamento (v. 6). Além disso,

podemos dizer que justiça é a essência do ministério do Novo Testamento. O ministério do Antigo Testamento era o ministério de morte e condenação (vv. 7, 9). Em vez de dizer que a morte se contrapõe à vida, as Escrituras aqui dizem que a morte se contrapõe ao Espírito (vv. 7-8). Isso quer dizer que o Espírito é vida, o que Paulo salienta quando escreve que o Espírito dá vida (v. 6). Então, em vez de dizer que o ministério da condenação se contrapõe ao ministério da justificação, Paulo diz que o ministério da condenação se contrapõe ao ministério da justiça (v. 9). Em vez de outras palavras, em vez de falar de algo objetivo — o ministério da justificação — ele menciona algo mais intrínseco, o ministério da justiça. Ao falar do que é intrínseco, ele está falando da essência. Assim, a essência do ministério do Novo Testamento é o Espírito e a justiça. O Espírito é interior; justiça é exterior. Enquanto estamos sendo escritos pelo Espírito interiormente, essa escritura é expressa exteriormente como justiça.

Os apóstolos, os ministros do ministério do Novo Testamento, inscrevem Cristo dentro de nós com o Espírito que dá vida, que é o Deus Triúno processado, como a essência do próprio Deus. Deus inscreve a Si mesmo em nós para nos tornar a Sua justiça, que em essência é a imagem do próprio Deus. Essa justiça se contrapõe aos Dez Mandamentos. Enquanto a essência e o espírito dos Dez Mandamentos são na verdade a imagem de Deus, os judeus guardavam somente a letra dos Dez Mandamentos, que resultou num ministério de morte. Entretanto, o ministério do Novo Testamento escreve em nós como o Espírito que dá vida como essência, de modo que nos tornamos a justiça de Deus como uma imagem de maneira a expressá-Lo. Essa é a verdadeira carta e a verdadeira escrita do ministério dos apóstolos. Qualquer coisa afora isso não é o ministério do Novo Testamento. O resultado de recebermos a escrita em nós e sermos feitos justiça de Deus é nos tornarmos reconciliados com Deus em tudo por conta de termos sido justos para com Deus mediante o ministério da reconciliação. O verdadeiro significado de reconciliação é que Cristo, que é a própria Justiça e não conheceu pecado, tornou-se pecado por nós que não éramos somente pecadores, mas também o próprio pecado, de modo que pudéssemos nos tornar a justiça de Deus Nele (5:21). Antes, somente Ele era justiça. Agora nós somos justiça por Ele ter-se tornado pecado. Essa é a imagem de Deus. O trabalhar interior do Espírito é transformação. A expressão exterior desse trabalhar interior como justiça é a conformação que nos amolda à imagem do próprio Deus.

**Praticar a Justiça Divina É Expressar a Imagem de Deus;
o Espírito É a Essência de Deus Vivendo,
Movendo-se e Agindo em Nós, e Justiça É a Essência de Deus
Manifestada Exteriormente como Imagem de Deus**

Praticar a justiça divina é expressar a imagem de Deus; o Espírito é a essência de Deus vivendo, movendo-se e agindo em nós, e justiça é a essência de Deus manifestada exteriormente como imagem de Deus (Ef 4:24; Cl 3:10).

**Praticar a Justiça Divina
É Ser Reto para com Deus em Nosso Ser;
Isso É Ter um Ser Interior que É Transparente e Cristalino,
que Está na Mente e Vontade de Deus e que É a Justiça de Deus**

Praticar a justiça divina é ser reto para com Deus em nosso ser; isso é ter um ser interior que é transparente e cristalino, que está na mente e vontade de Deus e que é a justiça de Deus (2Co 5:21). Isso é ser plenamente reconciliado com Deus, isto é, ser reto para com Deus em tudo. Quando praticamos a justiça divina, não só somos sem pecado e não só não transgredimos a justiça de Deus como nos tornamos um com Ele no que tange à Sua mente e vontade. Quando esse viver é expandido, ele se torna uma esfera, um ambiente. Essa esfera e ambiente é a igreja, o reino. Daí a justiça ser a imagem divina resplandecendo de nós e sendo expressa por meio de nós, baseada no nascimento divino para se tornar a virtude divina, que então se espalha para se tornar a vida da igreja, o reino de Deus.

**Praticar a Justiça Divina
É Viver na Realidade do Reino de Deus e Sob o Trono de Deus,
que Está Estabelecido sobre a Justiça como Fundamento**

Praticar a justiça divina é viver na realidade do reino de Deus e sob o trono de Deus, que está estabelecido sobre a justiça como fundamento (Rm 14:17; Sl 89:14). Esse viver se consuma na justiça, que é a expressão da noiva de Cristo.

**Praticar a Justiça Divina
É Revestir-se com a Justiça para Ser a Noiva de Cristo,
Adornada com Justiça Brilhante e Resplandecente**

Praticar a justiça divina é revestir-se com a justiça para ser a noiva de Cristo, adornada com justiça brilhante e resplandecente (Ap 19:7-8). A noiva

de Cristo é adornada com uma veste. Essa veste, que é feita de linho resplandecente e puro, é a justiça dos santos. Até que a noiva tenha essa veste, ela não estará ataviada. O motivo da noiva não estar pronta hoje é que não há justiça suficientemente praticada como uma expressão entre os crentes e as igrejas. Entretanto, uma vez que haja justiça suficientemente praticada, expressada entre os santos e nas igrejas, a noiva se ataviará. Essa veste é aquela que foi mencionada no Salmo 45:14. É nossa segunda veste, aquela bordada, que corresponde a Cristo ser “bordado” em nós pela obra transformadora do Espírito e expressada de nós como nossa justiça subjetiva. Quando essa veste é preparada, vamos expressar Cristo plenamente.

A Nova Jerusalém é a plena expressão do próprio Deus. Em Apocalipse 4, Deus é comparado a uma pedra de jaspe em aparência (v. 3). Então, no capítulo 21, a luz e os muros de toda a cidade são como pedra de jaspe (vv. 11, 18). Além disso, a base da cidade é de jaspe, os muros são de jaspe e tudo na Nova Jerusalém é de jaspe. O novo céu e a nova terra serão enchidos de Deus e portanto serão enchidos com justiça. Segunda Pedro 3:13 salienta que a justiça habita na Nova Jerusalém: “Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça.” A Nova Jerusalém é a consumação da justiça de Deus. É a figura plena e completa de como a justiça de Deus está sendo trabalhada em nós.

Eu estou tão feliz. A justiça não mais nos condena; antes, é meu brilhante futuro. É algo que está sendo expresso de nós hoje até que um dia se consumará na Nova Jerusalém. Aleluia! — A. Y.